

Avanços das Editoras universitárias brasileiras

Os avanços tecnológicos e o movimento mundial de acesso aberto possibilitaram mudanças no fluxo da comunicação científica. As editoras universitárias precisaram e precisam se adequar e acompanhar essas alterações de fluxo

Por Flávia Goulart Rosa

Professora da Universidade Federal da Bahia (UFBA), diretora da Editora da UFBA, presidente Associação Brasileira de Editoras Universitárias (ABEU), Mestra em Ciência da Informação pela UFBA e doutora em Cultura e Sociedade pelo Programa Multidisciplinar da Faculdade de Comunicação da UFBA, com estágio doutoral na Universidade do Minho, Portugal.

Iniciei minha trajetória voltada para a comunicação científica, em particular a edição universitária, ainda como estudante de graduação em Comunicação com habilitação em Jornalismo, na Universidade Federal da Bahia (UFBA) onde ingressei no ano de 1976. Formei-me em agosto de 1979. No segundo semestre da graduação, fui estagiar no Centro Editorial e Didático (CED) da UFBA, órgão responsável pelas publicações da Universidade e produção de todos os impressos utilizados pela Instituição, já que da sua estrutura fazia parte a Gráfica Universitária. De imediato identifiquei-me com a atividade gráfico-editorial universitária e, de fato, cursei uma verdadeira escola na prática. Assisti a evolução das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) que modificaram o fluxo da comunicação científica, além de participasr ativamente no movimento associativo das editoras universitárias brasileiras. Foram muitas as lições aprendidas!

No início dos anos de 1980, acompanhei o nascimento do movimento das editoras universitárias brasileiras, que começou na região Nordeste do país, - região que não tem tradição de uma indústria editorial como as regiões Sul e Sudeste do Brasil - com o objetivo de refletir o papel das editoras no contexto das universidades, bem como uma buscar a melhoria da qualidade do que se publicava e criar uma sistemática para melhor circulação da produção das editoras universitárias. Aos poucos o movimento se estendeu por todo país, agregando mais e mais editoras universitárias. Todas essas reflexões e movimentos resultariam na criação em 1987, da Associação Brasileira de Editoras Universitárias (ABEU) que



passaria a congregar as editoras – hoje, com 100 editoras associadas - vinculadas às universidades brasileiras e que tinham como objetivo a disseminação da produção científica dessas instituições.

Os avanços tecnológicos e o movimento mundial de acesso aberto possibilitaram mudanças no fluxo da comunicação científica. As editoras universitárias precisaram e precisam se adequar e acompanhar essas alterações de fluxo e suporte que faz surgir novos modelos de negócios e a disseminação de conteúdo, também em tempo real. O leitor passa a escolher em que suporte ele deseja ler o conteúdo de um livro... A convivência entre o suporte papel e o eletrônico é algo inteiramente possível até por que os *tablets* no Brasil ainda têm preço proibitivo para a maioria da população.

No âmbito das universidades a implantação de Repositórios Institucionais - sistema de informação digital aberto que tem como finalidade, armazenar, preservar, divulgar e possibilitar o acesso à produção científica, cultural e artística de uma Instituição - tem contribuído para ampliar a visibilidade das instituições. No caso de

editoras como a da Universidade Federal da Bahia que no seu projeto piloto, disponibilizou os livros publicados mediante autorização dos seus autores e adoção de novo modelo de contrato de direito autoral, há uma ampliação de vendas em função do alcance das redes e da possibilidade de acesso no mundo todo, mesmo com a barreira da língua, são muitos os países de língua portuguesa e um grande número destes com uma população ávida por informações e novos conhecimentos, e baixo poder econômico sem uma acesso frequente ao livro.

O fortalecimento das ciências nas nações está intimamente ligado à geração de repositórios e ao uso das tecnologias de informação e comunicação para possibilitar o acesso a resultados das pesquisas, sejam elas científicas, artísticas ou culturais. No caso desta última modalidade, abre-se a possibilidade para que, ao menos os países da Ibero-América, se relacionem e compreenda o multiculturalismo, reconhecendo que o desenvolvimento cultural é tão importante quanto o desenvolvimento da ciência.

